

Fragmento de uma Viagem a Nova Orleans¹

ÉLISÉE RECLUS

O plano de Nova Orleans é, como o de todas as cidades norte-americanas, de uma extrema simplicidade; contudo, a imensa curva do Mississipi que valeu à metrópole do Sul o nome poético de Cidade do Crescente, impediu de traçar ruas perfeitamente retas de um extremo ao outro da cidade. Foi necessário dispor os quarteirões em forma de trapézio, separados um do outro por amplos bulevares, com sua base menor voltada para o rio. Ao contrário, os bairros do oeste, Lafayette, Jefferson, Carrolton, construídos sobre a quase-ilha semi-anular do Mississipi, apresentam ao rio sua base mais larga, e os bulevares que lhes limitam de cada lado se reúnem em ponta sobre a margem da floresta, no meio da qual a cidade foi construída. Graças á adjunção recente desses bairros, Nova Orleans tomou um novo aspecto e as duas graciosas curvas que o Mississipi descreve ao longo de seus molhes, sobre uma extensão de aproximadamente sete milhas, deveriam dar-lhe o nome de *Double-Crescent-City*.

A umidade do solo da capital da Louisiana virou provérbio, e freqüentemente chegouse até a dizer que toda a cidade, com seus edifícios, seus depósitos e seus bulevares, repousava sobre uma imensa balsa levada pelas águas do rio. Buracos de sonda cavados até 250 metros de profundidade provaram suficientemente que esta asserção era equivocada, mas mostraram também que o solo sobre o qual a cidade foi construída se compunha unicamente de leitos de lodo alternados por camadas de argila e de

¹ Publicado originalmente como “Fragment d’un Voyage à la Nouvelle Orleans” em “Le Tour du Monde”, vol. I, 1860, pp. 177-192 (Daniel Hiernaux Nicolas registra uma edição anterior, de 1855, em “La Rue” n. 27, Revista do Groupe Libertaire Louise Michel, p. 7.596). A tradução aqui apresentada baseia-se na reedição francesa em “Du sentiment de la Nature dans les sociétés modernes et autres textes”, antologia organizada por Joël Cornuault e publicada pelas Edições Premières Pierres, Charenton, 2002. Tradutor: Rogério Haesbaert.

troncos de árvore que se transformam lentamente em turfa e depois em carvão, sob a ação constante das forças na grande fábrica da natureza. Basta cavar alguns centímetros ou, durante as estações de grandes secas, um ou dois metros, para encontrar água lodosa; igualmente, a menor chuva é suficiente para inundar as ruas, e quando uma tromba d'água se abate sobre a cidade, todas as avenidas e as praças se transformam em rios e em lagunas. Máquinas a vapor funcionam quase sem descanso para liberar Nova Orleans de suas águas estagnadas e vertê-las, por meio de um canal, no lago Pontchartrain, quatro milhas ao norte do rio.

Sabe-se que as margens do Mississipi, como as de todos os cursos d'água que irrigam as planícies aluviais, são mais elevadas que os campos ribeirinhos. Em nenhum lugar pode-se observar melhor este fato do que em Nova Orleans, pois existe uma diferença de quatro metros entre as partes da cidade situadas longe do rio e aquelas que margeiam o cais. Deste lado, as construções são defendidas contra as cheias do Mississipi por uma elevação de tábuas de cem metros de largura. Além disso, o rio, durante suas inundações, traz sempre uma enorme quantidade de areia e de argila que consolida a elevação e forma uma nova *batture*², sobre a qual, desde o começo do século, já foram construídas diversas ruas. Os bairros afastados do Mississipi estão apenas alguns centímetros acima do nível do mar, e as residências humanas estão separadas dos pântanos de crocodilos apenas por esgotos de água estancada e sempre irisada. No entanto, um certo inchamento do solo chamado *colline* na região, estende-se entre a cidade e o lago Pontchartrain. Este inchamento, imperceptível a olho nu, pode ter um metro de altura absoluta. Pode-se ter uma idéia do nível da planície percebendo que durante a estiagem as águas não têm mais do que um declive de apenas cerca de dez centímetros sobre um curso total de cento e oitenta quilômetros, da cidade ao golfo do México.

O bairro mais antigo de Nova Orleans, que habitualmente se denomina de bairro francês, é também o mais elegante da cidade. Mas os franceses ali são uma minoria muito pequena, suas casas tendo sido na sua maior parte compradas por capitalistas americanos: é ali que se encontram os correios, os principais bancos, as lojas de artigos de Paris, a catedral e a ópera. O próprio nome deste último edifício é uma prova do desaparecimento gradativo do elemento estrangeiro ou *créole*. Antigamente, este teatro apresentava somente peças francesas, comédias ou *vaudevilles*, mas, para continuar tendo lucro, foi obrigado a mudar seus cartazes e seu nome; agora é o público americano que lhe outorga seu patrocínio. É certo que a língua francesa desaparece cada vez mais. Sobre a população de Nova Orleans, que se eleva, segundo as estações, de 120 a 200 mil habitantes, não se conta mais do que seis a dez mil franceses, isto é, uma vigésima parte, e o mesmo número de *créoles* ainda não completamente americanizados. Logo o idioma anglo-saxônico dominará sem rival, e

² Costa arenosa baixa. (N. T.)

dos índios aborígenes, dos colonos franceses e espanhóis, que se fixaram no país muito antes dos imigrantes de origem inglesa, restarão apenas os nomes das ruas: Tchoupitoulas, Perdido, Bienville, etc. No mercado francês (*French market*), que antigamente os estrangeiros não deixavam de visitar para ali escutar a confusão de línguas, ouve-se apenas conversações inglesas. Os alemães, sempre envergonhados de sua pátria, procuram provar que se tornaram ianques por juramentos bem articulados e brincadeiras de tavernas; os negros, falantes inesgotáveis, não têm condescendência para falar francês a não ser por comisseração com seus interlocutores, e os raros caçadores indígenas, orgulhosos e tristes como os prisioneiros, respondem às perguntas por meio de monossílabos ingleses.

O bairro americano, situado a oeste do bairro francês, do qual é separado pela ampla e bela rua do Canal, é habitado principalmente por comerciantes e corretores; é também o centro da vida política. Ali se encontram os hotéis, quase tão belos quanto os de Nova York, os depósitos de algodão, a maioria das igrejas e dos teatros, a casa principal da cidade; ali também se mantém o grande mercado dos escravos. Uma multidão imensa se apressa sempre no recinto da *Bank's archade*, em torno da qual domina um amplo balcão fartamente guarnecido de copos e garrafas. Sobre um estrado mantém-se o leiloeiro, homem gordo, avermelhado e inchado, de voz ressonante: “Vamos, Jim! Suba na mesa. Quanto pelo bom negro Jim? Vejam, é forte, tem bons dentes! Olhem os músculos dos seus braços! Vamos, dance, Jim!” E ele faz o escravo piruetar. “É um negro que sabe fazer de tudo, ele é carpinteiro, carreteiro, sapateiro. Não é insolente, nunca é preciso bater nele”. E, contudo, vê-se com muita frequência longos sulcos esbranquiçados traçados pelo chicote sobre a pele negra. A seguir é a vez de uma negra: “Vejam esta *wench* (fêmea), ela já tem dois *niggers*, e ainda é jovem. Vejam estas costas vigorosas, estes peitos fortes! Boa ama-de-leite, boa negra de trabalho!” E o leilão recomeça entre risos e vociferações. Assim passam um de cada vez sobre esta mesa fatal todos os negros da Louisiana: as crianças que acabam de completar sete anos e que a lei, na sua solicitude, julga com idade suficiente para viver sem suas mães; as jovens, oferecidas aos olhos de dois mil espectadores e vendidas por peso; as mães que acabam de ser separadas de seus filhos e que devem estar alegres sob ameaça de chicote; os velhos, já tantas vezes leiloados, que devem aparecer uma última vez diante destes homens de face pálida, que lhes depreciam e riem de seus cabelos brancos. A mais vil, a mais miserável das vaidades, a de ser vendido bem caro, ao final lhes é negada; adjudicados por alguns dólares, eles já não servem senão para serem enterrados como animais no ciprestal. Assim, dizem os escravocratas, assim o querem, segundo eles, a própria causa do progresso, as doutrinas de nossa santa religião, as leis as mais sagradas da família e da propriedade.

Durante muito tempo as casas de Nova Orleans foram construídas em madeira: eram simples barracas, e a cidade inteira, apesar de sua extensão, tinha o aspecto de um vasto campo de feira. Hoje as casas dos dois grandes bairros são, na maior parte, construídas em tijolos e pedras; atreveu-se inclusive a empregar o granito na construção

da nova alfândega. É verdade que, apesar dos fortes pilotis de trinta metros sobre os quais ela repousa, estas muralhas já afundaram um pé sob o solo.

Mas o principal agente de transformação da cidade não é o sentido estético dos proprietários: é o fogo. Tive logo a oportunidade de me convencer disso, pois cheguei a Nova Orleans no período anual mais forte de incêndios. Segundo os poetas, o mês de maio é a estação da renovação; na metrópole da Louisiana, é a época das conflagrações. “Isto se compreende, diria-se, pois é então que o calor começa e que a madeira das casas se resseca sob os raios do sol; é também a estação alegre durante a qual é comum uma maior despreocupação com os seus interesses”. “Tudo isto é verdade, acrescentam os maledicentes, mas não se deve esquecer que o mês de maio precede imediatamente o término de abril e que o incêndio pode ajudar a ajustar muitas contas”. O fato é que durante as duas ou três últimas semanas de maio não transcorre uma só noite em que o toque de alarme não chame os cidadãos com sua voz lenta e profunda. Com freqüência os reflexos púrpuras de quatro ou cinco incêndios colorem ao mesmo tempo o céu, e os bombeiros, despertados com sobressalto, não sabem de que lado sua presença é mais necessária. Calcula-se que apenas na cidade de Nova York as chamas devorem a cada ano tantos imóveis quanto na França inteira. Em Nova Orleans, cidade cinco a seis vezes menos povoada, o papel do fogo é relativamente ainda mais forte, pois a perda total causada pelos incêndios equivale à metade da perda devido a sinistros de mesma natureza em toda a extensão do território francês.

Desde uma das primeiras noites de minha estada na metrópole do Sul, aconteceu um desses espantosos desastres, tão freqüentes nos Estados Unidos. Sete grandes barcos a vapor queimavam ao mesmo tempo. Era um espetáculo magnífico. Os sete navios, amarrados um ao lado do outro, formavam como que o mesmo número de bocas de fogão distintas, reunidas na base por um mar de chamas; os turbilhões de fogo, brotando do fundo das adegas abrasadas, encurvavam-se graciosamente por baixo das galerias e revelavam em toda sua efêmera beleza a arquitetura elegante destes palácios resplandecentes de dourado e de espelhos; mas logo que as línguas de fogo penetravam por jatos sucessivos através do piso das galerias, e da base para o topo, os três pisos de cabines foram envoltos num furacão de chamas; por cima dos navios as negras chaminés, rodeadas de ondas ziguezagueantes do incêndio, permaneciam longo tempo imóveis como espectros fúnebres, e as bandeiras, içadas na extremidade dos mastros, mostravam-se de vez em quando através da fumaça, flutuando alegremente como num dia de festa. Uma após a outra, as galerias despencavam com terríveis rangidos, as máquinas e os fornos, perdendo seus centros de gravidade, inclinavam-se de repente, fazendo oscilar como uma banderola todo o vasto incêndio. Os andares, as chaminés, caíam sucessivamente, e o Mississipi, coberto de restos em brasa, arrastava todo um rio de fogo. As fachadas uniformes da cidade, os cais cobertos de mercadorias, a multidão em desordem, os grandes navios amarrados ao longo da margem e, sobre a margem oposta, as casas e a floresta de Alger, tudo

parecia iluminado por um resplendor sangrante. Em contraste, o céu parecia apenas negro e as estrelas haviam desaparecido. Os gritos que se ouviram por muito tempo sair dos navios em fogo aumentavam o horror desta espantosa cena. Quarenta e duas pessoas foram queimadas vivas antes que se tivesse organizado o salvamento. Sabe-se que sobre o Mississipi, desde a construção do primeiro barco a vapor até os nossos dias, mais de quarenta mil pessoas foram queimadas ou se afogaram devido a acidentes de todo tipo: explosões, colisões ou incêndios – um média de mil vítimas ao ano.

Os vigias noturnos são muito pouco numerosos para serem de verdadeira utilidade na prevenção dos sinistros. A cidade estendida ao longo de sete milhas, sobre uma largura média de uma milha, não possui mais do que um total de 240 guardas, dos quais quase 120 permanecem em serviço durante a noite. Ainda assim têm o cuidado de advertir a aproximação dos malfeitores. Estão munidos de um grande bastão de ferro ou de carvalho, e quando chegam à esquina de uma rua dão um golpe ressonante sobre o ângulo da calçada; os incendiários, os ladrões e os criminosos ouvem assim a aproximação do inimigo e podem cumprir suas façanhas sem temor nem surpresas. Os grandes criminosos só se deixam deter quando, encorajados por grandes êxitos, têm a audácia de matar em pleno dia. A cada ano comentem-se várias centenas de crimes complacentemente registrados pelos jornalistas, mas raramente perseguidos pelos juízes. Contudo, a proliferação de iniquidades é tal, que, apesar da despreocupação da justiça, são feitas de 25 a 30 mil prisões por ano; é verdade que sobre este número considerável, equivalente a um décimo da população, contam-se 4 mil ou 5 mil negros culpados de deslocar-se sem documento de permissão ou enviados por seus donos ao castigo de 25 chicotadas.

Mais de duas mil e quinhentas tabernas, sempre cheias de bebedores, oferecem sob a forma de aguardente e de rum um alimento às paixões mais violentas. Especula-se tanto sobre o vício nacional da embriaguez, que todos os andares térreos dos grandes hotéis estão colocados livremente à disposição do público; no centro, encontra-se uma ampla área circular, espécie de Bolsa onde os negociantes vêm ler jornais e debater seus interesses; ao lado, abre-se a sala de jogos de azar, onde os vigaristas encontram-se com suas vítimas; em outra parte encontra-se a cantina, onde se estende uma mesa pública, muito rica e abundantemente servida. A refeição é completamente gratuita e qualquer um pode sentar-se à mesa: basta apenas pagar pelo aguardente ou pelo rum. A pequena quantia (25 centavos) que se dá por cada trago basta amplamente para cobrir os gastos desses festins públicos. Além disso, a grande maioria das pessoas que entram na sala não toca nos pratos e se contenta em beber: é assim que centenas de bebedores se cotizam sem sabê-lo para pagar um festim a alguns pobres famintos.

Em tempos de eleição, sobretudo, as tabernas estão sempre cheias. É necessário que o candidato se justifique ante todos aqueles que lhe dão seus votos, pois se ele não souber tomar um *cocktail* com elegância, perderia toda popularidade e passaria por um “vira casaca. Quando os adversários políticos encontram-se em uma cantina, bêbados ou em jejum, não é raro que as palavras insultantes sejam logo seguidas de

golpe de punhal ou de *revolver*; e mais de uma vez viu-se o vencedor beber sobre o cadáver do vencido. A lei, é verdade, proíbe que se portem armas escondidas; também, durante as eleições os cidadãos mais presunçosos eludem a letra do código preenchendo sua cintura com um verdadeiro arsenal perfeitamente visível. Em geral, cada um se contenta em guardar sob as vestimentas um punhal ou uma pistola de bolso.

– É verdade que a lei proíbe expressamente o porte pessoal de armas? – Perguntava-se a um célebre magistrado da Louisiana.

– Certamente! Não se pode felicitar muito os nossos legisladores por terem proibido de portar armas escondidas.

– O que você faria então se lhe insultassem ou lhe dessem uma bofetada?

– O que eu faria? E tomando de sua cintura uma pistola carregada, apontou-a sobre a cabeça de seu interlocutor.

Um misantropo poderia comparar os vícios de nossa sociedade européia a um mal escondido que corrói o indivíduo sob suas vestes, enquanto que os vícios da sociedade americana aparecem externamente em toda sua terrível brutalidade. O ódio mais violento separa os partidos e as raças: o escravocrata aborrece o abolicionista, o branco abomina o negro, o nativo detesta o estrangeiro, o rico agricultor deprecia amplamente o pequeno proprietário e a rivalidade dos interesses cria mesmo entre as famílias aliadas uma barreira incontornável. Não é numa sociedade deste gênero que a arte pode ser seriamente cultivada. Além disso, as visitas periódicas da febre amarela a Nova Orleans torna impossível toda a preocupação além da do comércio, e nenhum negociante trata de embelezar a cidade que ele se propõe a abandonar assim que tenha realizado uma fortuna suficiente. Sob pretexto de arte os ricos particulares limitam-se a rebocar com cal as árvores de seu jardim: este luxo tem a dupla vantagem de agradar aos seus olhares e de ser de muito baixo custo. Não se dá o mesmo tratamento aos passeios públicos, pois eles não existem; a única árvore que há no interior da cidade é uma tamareira solitária plantada há 60 anos por um velho monge. Em contrapartida, a cidade teve a honra de levantar uma estátua de bronze a seu salvador Andrew Jackson, mas esta estátua não tem outro mérito que o de ser colossal e de haver custado muito pouco. O artista que a modelou e fundiu, Sr. Clarke Mills, nunca esteve em Roma nem em Florença, e não estudou mais do que nos ateliês de Washington: eis aí o que faz sua reputação frente aos *natifs*, e os que lhe adiantaram os primeiros fundos e proporcionaram os trabalhos colocaram-lhe a condição expressa de nunca viajar fora de sua pátria. Seus incontestáveis títulos de glória não bastam, contudo, para fazê-lo eclipsar os escultores do Velho Mundo. Eles consistem na invenção abreviada de um processo muito simples para a fusão do metal e na arte de equilibrar perfeitamente as estátuas eqüestres sobre as duas patas traseiras, sem o recurso de um rabo opulento ou de um tronco de árvore complacente. A municipalidade de Nova Orleans encomendou ao Sr. Mills uma estátua de Washington que será erigida no bairro americano.

Quanto aos edifícios públicos, em sua maioria não têm nenhum valor arquitetônico.

As estações são ignóbeis coberturas enegrecidas pela fumaça; os teatros são na maior parte barracas à mercê dos incêndios, as igrejas, à exceção de uma espécie de mesquita construída pelos jesuítas, são todas grandes ruínas pretensiosas. Além disso, não há monumentos mais submetidos às diversas possibilidades de incêndio ou demolição do que as igrejas. As comunidades que aí se reúnem, se formam, se separam, voltam a reunir-se para se dispersar, como flocos de espuma ou turbilhões de folhas arrastadas pelo vento. Basta que um jovem seja dotado de uma voz forte, que tenha tido sucesso nos salões, que se tenha feito notar por um zelo religioso verdadeiro ou suposto, para que possa emitir ações para a construção de uma igreja da qual ele se converterá em mestre absoluto: a igreja será seu abrigo, seu capital, seu fundo de comércio. Se o aluguel de *pews* [banco de igreja] não lhe fornece o suficiente, se sua eloquência não é frutífera, ele se retira para falar, vender, fazer demolir ou queimar sua igreja, e mudar de seita. É uma espécie de especulação que pode muito bem aliar-se a outras; nada impede ao ministro do Santo Evangelho ser ao mesmo tempo banqueiro, agricultor ou comerciante de escravos. O americano nunca tem uma carreira determinada: ele está sem cessar à espreita dos acontecimentos, esperando que a fortuna lhe caia nas mãos e leve-o ao país do Eldorado. Homens e coisas, tudo muda, tudo se desloca nos Estados Unidos com uma rapidez inconcebível para nós que estamos habituados a seguir sempre uma longa rotina. Na Europa, cada pedra tem sua história; a igreja se eleva onde se levantava o dólmen, e há trinta séculos é no mesmo lugar consagrado que vão adorar os habitantes da região, gauleses, francos ou franceses; obedecemos mais às tradições do que aos homens, e deixamo-nos governar ainda mais pelos mortos de que pelos vivos. Na América, nada parecido, nenhuma superstição se liga ao passado nem ao solo natal, e as populações sempre móveis como a superfície de um lago que busca seu nível, distribui-se sob a influência única das leis econômicas; na jovem e crescente República, contam-se já muitas ruínas como nos nossos velhos impérios: a vida presente é demasiado ativa e demasiado foga para que as tradições do passado possam dominar as almas. O amor instintivo da pátria não existe mais nos Estados Unidos na sua cândida simplicidade. Para a massa, todos os sentimentos confundem-se cada vez mais com o interesse pecuniário; para os homens de coração, tão raros na América como em todos os países do mundo, não há outra pátria senão a liberdade.

